Classe trabalhadora mundial: crescimento, mudança e rebelião | Kim Moody

25/02/2021

A classe trabalhadora do século 21 é uma classe em formação, o que não é surpresa em um mundo onde o capitalismo só recentemente se tornou universal. Ao mesmo tempo, o próprio Marx nos lembrava há muito tempo, ao falar do desenvolvimento das classes na Inglaterra, onde elas "se desenvolveram da maneira mais clássica", que "nem aí, apesar de tudo, surge essa articulação de classes da forma pura"1 /. A classe trabalhadora, é claro, é muito mais ampla do que as pessoas que estão empregadas em qualquer época. Ser guiado apenas pelas estatísticas da força de trabalho esconde aspectos importantes da vida da classe em sentido amplo, incluindo sua reprodução. No entanto, quem entra e sai do emprego constitui o núcleo da classe trabalhadora, outrora considerada domínio dos homens, mas hoje também composta, quase igualmente, por mulheres. Além disso, tanto o espaço disponível quanto as limitações da pesquisa me obrigam a focalizar este artigo nos setores ocupados ou semi-ocupados dessa classe global. Com essas reservas em mente, examinaremos primeiro o crescimento da força de trabalho global no século XXI.

As forças motrizes contemporâneas por trás dessa dinâmica têm sido a globalização desigual do capitalismo em geral e a ascensão simultânea de empresas multinacionais após a Segunda Guerra Mundial; a queda da taxa de lucro que começou no final da década de 1960 empurrou o capital para fora de suas antigas fronteiras, causando crises recorrentes, bem como a abertura das antigas economias *comunistas* burocráticas ao capitalismo e, mais recentemente, o aprofundamento das cadeias de valor globais (GVCs). Estas últimas vem se desenvolvendo há algum tempo, mas nas últimas duas décadas elas moldaram o crescimento econômico e a mudança em muitas economias em desenvolvimento, incorporando trabalho reprodutivo doméstico antes não remunerado, pequena produção de mercadorias e cadeias de abastecimento domésticas pré-existentes na esfera das cadeias de produção de valor do capital multinacional. Isso deslocou alguns setores e empregos nas economias desenvolvidas, mas deu origem à expansão para novas áreas. Assim, por exemplo, apesar do peso dos países desenvolvidos na produção mundial ter diminuído, os EUA e a UE produzem hoje mais valor agregado do que 20 ou 30 anos antes.

Crescimento da força de trabalho global

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a força de trabalho global cresceu 25% entre 2000 e 2019. O número de pessoas *empregadas* em troca de uma renda aumentou de 2,6 bilhões para 3,3 bilhões durante essas duas primeiras décadas do século 21, também 25 %. Destas pessoas *ocupadas*, em termos da OIT, 53% são pessoas que recebem um salário ou soldo, quando em 1996 constituíam 43%; 34% consideram-se trabalhadores *por conta própria*, contra 31% em 1996; 11% são *familiares colaboradores*, menos da metade dos 23% que representavam em 1996; e 2%, empregadores, que naquele ano somavam 3,4% 2 /.

Obviamente, nem todos os não empregadores nas estatísticas da OIT fazem parte da classe trabalhadora. Muitos são profissionais assalariados ou executivos de vários tipos, outros são proprietários de pequenos negócios, vendedores ambulantes, etc. Cerca de dois terços, ou pouco mais de 2 bilhões, das pessoas que a OIT chama de empregados provavelmente são da classe trabalhadora. No entanto, essas pessoas empregadas da classe trabalhadora não são apenas aquelas que recebem um salário ou um soldo. Muitas das pessoas consideradas autônomas ou "*por conta própria*", assim como

familiares colaboradores, estão de fato incluídas na relação de emprego entre capital e trabalho através das cadeias de valor ou de suprimentos nacionais e globais expandidos e aprofundados que caracterizaram o

crescimento capitalista durante algum tempo. O trabalho *"por conta própria"* ou autônomo é frequentemente um truque que os empregadores usam para economizar impostos, benefícios e obrigações sobre esses indivíduos. As mulheres têm muito mais probabilidade do que os homens de serem empregadas informalmente.

No entanto, essa informalidade é uma definição jurídica de trabalhadoras localizadas fora da maioria das formas de regulamentação trabalhista oficial. Por esta definição, a maioria da classe trabalhadora na época de Marx seria *informal*. Como Ursula Huws diz com respeito às várias formas de trabalho reprodutivo não remunerado ou a prestação de serviços individuais não produtivos (de mais-valor), "a história do capitalismo pode ser vista sinopticamente como a história da transformação dinâmica desta classe de trabalho em outros, com o efeito geral (como previsto por Marx) de transferir uma proporção crescente do trabalho humano para a categoria *produtiva*, onde é submetido à disciplina dos capitalistas, para os quais produz valor "3 /.

Assim, o Banco Mundial observa que as pessoas que trabalham em casa, que são desproporcionalmente mulheres, constituem uma parte significativa do extremo inferior das cadeias de valor (de abastecimento) empresariais mundiais. Além disso, estudos sobre o impacto dessas cadeias de abastecimento mostram que um grande número de mulheres trabalhadoras do setor *informal*, classificadas nas categorias *"por conta própria"* o*u familiares colaboradores* no Sul da Ásia, África e em todo o mundo em desenvolvimento, são incorporadas comumente no CVG 4 /.

Essas cadeias de suprimentos dominadas por empresas não apenas conectam economias em desenvolvimento com empresas multinacionais, mas também reconfiguram a economia local e a força de trabalho para atender às necessidades empresariais. Embora a maioria da classe trabalhadora de um país não esteja diretamente conectada a uma cadeia de valor empresarial, o grau de informalidade, níveis salariais, os ritmos de trabalho e as proporções de gênero são, na maioria dos casos, determinados pela dinâmica e velocidade das redes de fornecimento "just-in-time" das multinacionais. Como Bhattacharya e Kesar apontam, o crescimento da manufatura capitalista na Índia aumentou o setor informal porque é mais barato recorrer a ex-pequenos produtores de mercadorias e tratar como trabalhadoras domésticas, sendo as mulheres fornecendo trabalho (escassamente) remunerado e trabalho reprodutivo não remunerado que reduz o custo de cada trabalhadora. Longe de ser *pré-capitalista*, esse emprego informal é produto do capitalismo universalizado 5 /.

As CGVs aumentaram de cerca de 45% do comércio mundial em meados da década de 1990 para quase 55% em 2008, antes de cair ligeiramente para cerca de 50% 6 /. Com isso, os setores que mais cresceram foram aqueles associados à infraestrutura e operação desses CVGs. De acordo com cálculos da OIT, o emprego nos transportes e comunicações cresceu 83% nas primeiras duas décadas do século 21 – na construção, 118% – a um ritmo mais rápido do que qualquer outro setor importante. Do ponto de vista do emprego direto, esses setores empregam principalmente trabalhadores do sexo masculino. No entanto, um resultado importante da expansão das CGVs foi o aumento da proporção de mulheres, de 40% da força de trabalho empregada em 2000 para quase a metade (49%) em 2019, enquanto na indústria que depende dessas cadeias de valor, a porcentagem de mulheres aumentou de 41% para 44% em 2019 7 /.

Além disso, cada vez mais trabalhadoras e trabalhadores foram apanhados *no nó* das relações sociais de produção do capital, como diz Huws, através da crescente mercantilização dos serviços públicos e do trabalho anteriormente não remunerado de reprodução social, ou seja, através da organização capitalista de serviços anteriormente prestados pelo Estado por meio de trabalho assalariado, seja no domicílio ou na comunidade sem remuneração. Uma parte desproporcional desses setores é composta por mulheres, que representam dois terços da força de trabalho em educação, saúde e serviços sociais em todo o mundo 8 /. Uma indicação dessa tendência é o rápido aumento dos *serviços de mercado*, que passou de 20% do emprego na definição da OIT em 1991 para 31% em 2018. Outro é o declínio para menos de 10% do *capital público* e dos bens públicos em proporção à riqueza nacional na maioria dos principais países industrializados 9 /.

Quando se analisa a recomposição da classe trabalhadora nos países desenvolvidos, costuma-se apontar o aumento dos serviços e o declínio da produção de bens, supondo-se que se trate de uma contração da classe trabalhadora. Na verdade, a divisão entre os dois setores é resultado, em grande medida, da ignorância de

como a classe trabalhadora mundial cria valor no capitalismo contemporâneo. A produção de serviços também é cada vez mais dominada por empresas gigantes e envolvidas em CVGs, e sua participação no comércio de valor agregado aumentou de 31% em 1980 para 43% em 2009.

É importante ter em mente que a produção de bens é essencial para a prestação de serviços e vice-versa. Não existem serviços que são fornecidos sem *coisas* e não existem bens que são produzidos sem o insumo de serviços. O trabalho investido em ambas as atividades deve gerar mais-valia. O valor de uso das mercadorias que produz é secundário. Enquanto o emprego no setor de serviços global cresceu 61% nas duas primeiras décadas do século 21, a força de trabalho industrial internacional aumentou 40% 10 /. Essa diferença relativa no crescimento deve-se em parte ao aumento contínuo da produtividade da manufatura global a uma taxa superior à da economia mundial como um todo, e não ao declínio da produção industrial.

Com efeito, mesmo neste período de crescimento mais lento, o valor acrescentado mundial da indústria, longe de desaparecer, cresceu 123% em dólares correntes, ou cerca de metade em termos reais, de 2000 a 2019. Em geral, ao contrário da noção de um mundo *pós-industrial*, a força de trabalho fabril cresceu de 393 milhões em 2000 para 460 milhões em 2019, enquanto a força de trabalho industrial (manufatura, construção e mineração) cresceu de 536 milhões para 755 milhões no mesmo período. Este número não inclui os trabalhadores e as trabalhadoras dos transportes, comunicações e serviços urbanos, que também são essenciais para a produção de bens e que empregaram mais 226 milhões de pessoas em 2019, contra 116 milhões de duas décadas antes. Juntos, esse *núcleo* industrial representava 41% da força de trabalho não agrária no mundo em 2019 11 /. Em outras palavras, as e os *industrial workers of the world*, para tomar emprestada uma expressão, permanecem um núcleo massivo de produção de valor e da população trabalhadora. No entanto, sua distribuição geográfica mudou.

Dispersão geográfica e desigualdade

O crescimento da produção mundial, e com ele da força de trabalho, não é distribuído igualmente pelo globo. Embora os países desenvolvidos ainda produzam a maior parte do valor adicionado industrial (VAI), os países em desenvolvimento aumentaram sua participação de 18% em 1990 para cerca de 40% em 2019, enquanto a dos países industrializados caiu de 79% para 55% nesse período. A participação da UE caiu de 33% do VAI global em 1990 para 22% em 2018, enquanto a da Ásia aumentou de 24% para 37% neste período. Só a China aumentou de cerca de 5% do VAI global em 2000 para 20% em 2018. No período mais recente, grande parte do aumento da participação da Ásia no VAI ocorreu em quatro países: China, Índia, Indonésia e República da Coréia . O emprego seguiu os mesmos passos, de modo que a participação dos países industrializados no emprego industrial caiu de 30% em 1991 para 18% em 2018 12 /. No século 21, o crescimento do trabalho informal e da produção de bens, bem como o crescente papel das mulheres em ambos, ocorreu principalmente no mundo em desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, a deslocação econômica, política e derivada da guerra e a expropriação geraram uma crescente população migrante internacional. O número de pessoas que vivem fora de seu país de nascimento aumentou de 173.588.441 em 2000 para 271.642.105 em 2019, um aumento de 57%. A maioria está em idade produtiva e 48%, quase a metade, são mulheres. A Organização Internacional para as Migrações (OIM) classificou cerca de 111 milhões de trabalhadores migrantes em 2017, que em 2018 enviaram remessas de dinheiro aos seus respectivos países de origem no valor de 689 bilhões de dólares 13 /.

Pelo menos 500 milhões de pessoas recebem essas remessas, que contribuem significativamente para a reprodução social da classe trabalhadora mundial e, portanto, para a redução dos custos do trabalho para o capital internacional. Como Ferguson e McNally apontaram, ignorar o papel do trabalho migrante é “não ver os processos internacionais de expropriação e acumulação primitiva, que entre outras coisas geram reservas globais de força de trabalho cujos movimentos transfronteiriços estão no centro da produção e reprodução de capital e trabalho no mundo ”. Assim, mais 111 milhões de trabalhadores estão entrando e saindo dos números estáticos de empregos da OIT e dos processos de formação da classe, especialmente em grandes centros de produção como os Estados Unidos, Europa e Oriente Médio 14 /.

O capital em geral jogou muito bem suas cartas com as mudanças geográficas, os avanços tecnológicos, a reorganização da produção e até mesmo as crises do sistema como um todo. Globalmente, na maioria das economias desenvolvidas e em desenvolvimento, independentemente de os salários reais terem aumentado ou diminuído, a participação da renda do trabalho no PIB diminuiu desde meados da década de 1970, com altas e baixas, até 2019. Portanto, a da renda do capital aumentou. Como resultado, a participação dos 10% mais ricos na renda nacional de todas as principais economias aumentou, enquanto a dos 50% mais pobres diminuiu 15 /.

A pobreza continua sendo uma característica central do trabalho nos países em desenvolvimento, apesar das alegações de que diminuiu, em grande parte como resultado da manipulação da definição de pobreza. Mesmo na Europa, que já foi o auge do estado de bem-estar, de acordo com o teórico social-democrata Wolfgang Streeck, "seguidamente se analisará a trajetória da política social europeia a largo prazo, pois passou de um planejado estado federal social-democrata para um programa de ajustes competitivos aos mercados mundiais "16 /. Em suma, a classe trabalhadora perdeu o jogo em todos os lugares.

Muito desse aumento da desigualdade se deve ao declínio relativo dos sindicatos e à consequente estagnação dos salários nas economias desenvolvidas, ao contínuo aumento da produtividade industrial em todo o mundo e à crescente incorporação dos setores formais e informais de baixos salários aos sistemas de produção mundiais. Essas tendências têm contribuído para o aumento generalizado das taxas de exploração. Como aponta o economista político Anwar Shaikh, "o nível global de desigualdade de renda é baseado, no fim das contas, na relação entre lucros e salários, isto é, na distribuição de mais-valia" 17 /. Essa relação se inclinou em favor do capital com métodos avançados de supervisão, medição, quantificação e padronização do trabalho, afetando em última instância a classe trabalhadora em todos os lugares.

Tecnologia e controle de trabalho

Para centenas de milhares de trabalhadores em todo o mundo, o trabalho continua sendo, antes de mais nada, um esforço físico exaustivo, aparentemente removido do regime de automação de alta tecnologia e gestão digital, que apenas intensificou o trabalho. Não importa como ou onde estejam trabalhando, o ritmo e o esforço são ditados por essa medição digital e instruções de trabalho em todas as vastas cadeias de suprimentos *just-in-time* que agora se estendem por todo o mundo.

O que mais mudou na natureza do trabalho nas últimas duas décadas é o grau, a penetração e a aplicação das tecnologias digitais que controlam, quantificam, padronizam, modulam, rastreiam e instruem o trabalho de indivíduos e grupos 18 /. Estes baseiam-se, embora transcendam, os esforços do taylorismo e da produção enxuta para quantificar, fragmentar, padronizar e assim controlar o trabalho individual e coletivo, independentemente do produto ou serviço que produz. A digitalização de grande parte da tecnologia relacionada ao trabalho pode ser medida e sequenciada em nanossegundos, em comparação com os minutos e segundos de Taylor, propiciando uma precisão com a eliminação do *desperdício* da produção ajustada por meio do gerenciamento devido ao estresse. Isso também significa que todos os aspectos do trabalho são quantificados. A simplificação por meio da quantização permite velocidade e a velocidade requer quantização. O estresse pode ser medido, mas não a emoção, os efeitos do treinamento profissional ou as habilidades tácitas de todos.

Tudo isso se aplica a serviços já convertidos no século XX de serviços domésticos e trabalhos realizados por profissionais locais ou pequenas empresas para serviços prestados por grandes empresas, então reorganizados com critérios ajustados e agora direcionados digitalmente, de call centers a hotéis, passando pela manutenção de edifícios. As medições digitalizadas de hoje também se aplicam a empregos profissionais como na saúde e na educação. Os dados de pessoal são coletados e usados ??com relação a eles nessas áreas, como em uma fábrica ou depósito. Assim, o trabalho do professor é medido pelo nível dos alunos (que é supostamente o seu produto) à luz de testes padronizados baseados em um *conhecimento padrão*, de forma que o corpo docente é obrigado a *ensinar para passar no teste*.

As enfermeiras do hospital podem ser rastreadas usando GPS e seu trabalho é ditado por sistemas algorítmicos de Apoio à Decisão Clínica, que recomendam tratamentos padrão. Em ambos os casos, a equipe pode ser substituída por pessoas menos qualificadas e de custo mais baixo que realizam tarefas padronizadas. Uma vez que se trata principalmente de mulheres em *trabalho emocional*, o conteúdo emocional do posto de trabalho é visto como um presente não reconhecido ao capital: o aspecto não remunerado do trabalho socialmente reprodutivo, realizado no local de trabalho e não na sua casa.

A Amazon é o exemplo mais citado de equipe liderada digitalmente, e com razão. Um estudo recente de um centro de atendimento da Amazon na Califórnia descreve o contexto em que a equipe trabalha: "Para coreografar a dança brutal que é desencadeada assim que um cliente clica, *envia seu pedido* para entrega no dia seguinte no Amazon Prime, a empresa usa de seu poder algorítmico e técnico dentro de sua enorme rede de tecnologia digital e de comunicação, suas instalações de armazenamento e seu maquinário, enquanto *flexiona* numericamente sua força de trabalho para cima e para baixo em sincronia com a demanda flutuante de seus clientes. "Em locais idênticos em todo o mundo, o trabalho real é conduzido por scanners e computadores de mão ou de pulso que rastreiam, cronometram e orientam a equipe até o produto em questão. Os funcionários têm 30 minutos por turno sem tarefas, ou seja, quando não estão se movendo. Além disso, eles são empurrados por robôs Kiva, que também localizam e coletam produtos 20 /. Este é o protótipo do trabalho em todos os lugares, a menos que a resistência da classe trabalhadora o impeça.

Outra dimensão da tecnologia atual do local de trabalho raramente é mencionada: como a própria força de trabalho global, o armazém da Amazon é multirracial e multinacional. Como a revolta internacional Black Lives Matter de 2020 sublinhou, a raça e o racismo, embora particularmente arraigados nos Estados Unidos, estão espalhados em todo o mundo desde os dias da escravidão e do colonialismo. O racismo sob o capitalismo não é apenas um meio de dividir a classe trabalhadora, mas também de impor o status de classe trabalhadora a grupos raciais ou étnicos cujas oportunidades na vida são limitadas por barreiras raciais ou étnicas. É uma força na formação da classe. Conseqüentemente, a população afro-americana é desproporcionalmente da classe trabalhadora e pobre. Embora o capitalismo possa ter herdado o racismo dos dias da escravidão e da conquista colonial, ele distribuiu trabalho e força de trabalho em bases raciais, étnicas, de gênero e nacionais desiguais por gerações 21 /. Como as práticas de gestão geral, a tecnologia que classifica o pessoal de acordo com a ocupação, posição, qualificação, atitude, etc. carrega a marca desta herança.

Inteligência artificial (IA) e algoritmos são programados por humanos que foram criados neste contexto histórico, que na maioria das vezes mantêm muitos de seus pressupostos ancestrais, geralmente inconscientemente, enquanto ao mesmo tempo usam dados necessariamente baseados no passado. Como disse um analista: "O passado é um lugar muito racista. E só temos dados do passado para formar inteligência artificial "22 /. O argumento de um matemático sobre os resultados raciais dos programas de IA usados ?? pela polícia para *prever* zonas de alta criminalidade se aplica a todos os aspectos da vida: dados racialmente distorcidos "criam um ciclo pernicioso de realimentação que reforça os tópicos raciais e, portanto, a alocação de pessoal e oportunidades raciais na vida 23 /."

Um dos exemplos mais escandalosos é o da tecnologia de reconhecimento facial, utilizada por empresas e departamentos de polícia, que muitas vezes não consegue distinguir indivíduos de pele escura um dos outros24 /. Não pode ser considerado acidental que a maioria dos trabalhadores mal pagos e superexplorados neste armazém da Amazon na Califórnia sejam latinos ou negros. Afinal, o racismo é uma das armas do capital na luta de classes, agora enxertada em sua tecnologia. O mesmo pode ser dito de gênero e machismo. Por exemplo, os sistemas de Apoio à Decisão Clínica impostos aos enfermeiros são baseados em estudos clínicos que "têm sistematicamente excluído mulheres e minorias" 25 /.

Trabalho e o controle das rotas do capital

A tecnologia, os padrões de emprego e os fluxos de bens, serviços e capital que caracterizam a produção nacional e moldam o mundo do trabalho são, por sua vez, apoiados por uma infraestrutura material internacional cada vez mais profunda para o transporte de produtos e de valor em todo o mundo. Essas rotas

materiais de capital consistem principalmente em estradas, ferrovias, rotas marítimas, portos, oleodutos, aeroportos e armazéns tradicionais. Agora, eles também incluem grandes conglomerados logísticos urbanos com suas instalações e mão de obra, quilômetros de cabos de fibra óptica, que só foram amplamente utilizados desde o final dos anos 1990, centros de dados que são ainda mais recentes em uso e armazéns projetados mais para transferência do que para armazenamento e reconvertido tecnologicamente.

Essa infraestrutura, em sua maioria incorporada, é fruto do trabalho de milhões de pessoas que a constroem e mantêm, e de quem ela depende. Se a tecnologia impõe controles, a dependência da infraestrutura para o trabalho contínuo dá à força de trabalho um instrumento de controle próprio: a possibilidade de desacelerar ou interromper o movimento constante de valor e, portanto, o processo de acumulação.

Marx entendeu que transporte e comunicações fazem parte da produção de valor 26 /. Assim, as dezenas de milhões de trabalhadores em todo o mundo que trabalham nesses depósitos embutidos de capital fixo constante, e nos caminhões, trens, navios, aviões, centros de transmissão a cabo e centros de dados que movimentam bens, dados e finanças através desta infraestrutura são trabalho produtivo, da mesma forma que quem trabalha em fábricas ou locais de prestação de serviços. Fazem que funcionem os circuitos do capital e asseguram boa parte da velocidade com que esses circuitos operam. É por meio dessas vias de transporte e comunicação que esses circuitos de capital se movem com a conhecida fórmula marxiana, D-M-D ‘, movimentos que se repetem sequencial e simultaneamente milhões de vezes ao dia. A velocidade com que isso acontece determina o ganho potencial 27 /. E, claro, impulsionado pela competição global, velocidade e fornecimento just-in-time tornaram-se demandas importantes da produção e logística contemporâneas.

Isso vale tanto para quem trabalha na movimentação de dados, informações e dinheiro quanto para quem dirige um caminhão, opera as máquinas em um navio porta-contêineres, mantém um oleoduto ou trabalha em uma fábrica – ou seja, todas aquelas pessoas que combinam força de trabalho viva com trabalho morto acumulado para produzir valor. Nenhuma parte dessa infraestrutura, nem os equipamentos que por ela passam funcionam sem a mão e a mente de quem trabalha. Mesmo o sistema mais automatizado requer manutenção e reparo constantes. Por exemplo, no início de 2020, os 39 data centers supostamente 100% automatizados nos Estados Unidos e na Irlanda empregavam 10.000 pessoas para continuar seu zumbido 28 /.

O que é chamado de *nuvem* ou ciberespaço nada mais é do que um extenso e complexo material de cabos de fibra óptica, data centers, transmissores e computadores. Como um artigo do New York Times aponta, “As pessoas pensam que os dados estão na nuvem, mas não. Eles estão no oceano.” Na verdade, eles também são encontrados acima e abaixo do continente, bem como no fundo do mar, seguindo os caminhos originalmente traçados em meados do século XIX para cabos telegráficos. Os cabos de fibra óptica de hoje transportam 95% do tráfego da Internet. Todo o sistema de material conectado e suas partes são extremamente vulneráveis ??e abundam as interrupções e perturbações 29 /.

O sistema é implantado e atendido por pessoas que trabalham em navios de cabo, em estações de transmissão ao redor do mundo, por pessoas empregadas por empresas nacionais de telecomunicações e pelo número crescente de grandes centros de dados que, como disse James Bridle, “geram quantidades enormes de calor residual e requerem quantidades correspondentes de resfriamento de milhares de sistemas de ar condicionado ”30 /. Tudo isso, por sua vez, exige trabalho humano para funcionar. Em todos os pontos desse movimento aparentemente imaterial de dados e dinheiro, existem trabalhadores de várias categorias e diferentes qualificações, sem os quais nada se moveria. Não há digitalização sem manipulação humana.

Em um período de níveis relativamente baixos de investimento em bens de capital, incontáveis ??bilhões foram dedicados à expansão e aprofundamento dessa infraestrutura. Olhando para uma medição um pouco mais ampla, Price Waterhouse Coopers estima que o investimento privado em infraestrutura totalizou US $ 1,7 trilhão de 2010 a 2017, em um setor onde o investimento público tende a pesar muito 31 /. Novos cabos são regularmente instalados, portos e canais são escavados, linhas ferroviárias continentais são colocadas, mais aeroportos são construídos e os existentes são expandidos 32 /. Por maiores que sejam esses novos investimentos, eles representam apenas o custo inicial e a mão de obra. Como Akhil Gupta aponta a respeito

dos muitos novos projetos de infraestrutura em todo o mundo, “assim que o projeto for concluído e oficialmente inaugurado, os trabalhos de reparo começam” 33 /. Isso significa que o trabalho morto envolvido na infraestrutura requer a entrada constante de trabalho vivo ao longo de sua vida operacional.

Uma grande força motriz por trás dessa expansão da infraestrutura é a iniciativa Nova Rota da Seda do presidente chinês Xi Jinping, lançada em 2013. Sob ela, uma rede de superestradas foi financiada em grande parte por meio de empréstimos, linhas ferroviárias (três da China para a Europa), portos e aeroportos que “se estendem ao oceano Pacífico, ao Índico e ao coração da África”, além do Oriente Médio e da Europa. Até 2015, a China reservou US$ 890 bilhões para investir em 900 projetos 34 /. Em 2019, “ele se concentrou em energia, infraestrutura e transporte, com um investimento potencial total de cerca de US$ 1,4 trilhão, uma escala sem precedentes”, segundo o analista Daniel Yergin 35 /. Esses planos envolvem a contratação de um grande número de trabalhadores nos vastos territórios da Ásia Central e do Sul, Oriente Médio e África, que realizam esses projetos e têm o potencial de paralisá-los por meio da ação coletiva.

Uma época de rebelião: classe ou multidão?

Tudo isso ocorreu em um período de turbulência econômica e crises recorrentes, uma crise climática que não pode mais ser negada e agora a pandemia de Covid-19. Cada um desses fatores contribuiu, de uma forma ou de outra, para um aumento drástico do ativismo social, do número de greves e da mobilização de massas em oposição à situação prevalecente. Em quase todos os lugares, essas greves, manifestações e mobilizações em massa foram produzidas como resultado de mudanças econômicas, rupturas e estados de angústia às vezes causados ??por guerras. Mas eles foram de natureza política, na medida em que foram em sua maior parte direcionados contra governos e políticas neoliberais e a corrupção concomitante, que causou sofrimento à maioria da população mundial. A revolta internacional que começou com a Primavera Árabe em 2011 e continuou e até acelerou durante a pandemia de 2020 é muito grande para ser descrita aqui em detalhes. Em vez disso, tentarei analisar algumas de suas principais características e o papel da classe trabalhadora nessa revolta geral.

De acordo com uma análise de *agitação social* em 2019 pela empresa de avaliação de risco Versisk Maplecroft, 47 países, ou quase um quarto do total, sofreram grandes distúrbios civis apenas em 2019. Essa contagem mostra como esses protestos abrangeram todas as regiões do mundo, exceto América do Norte 36 /. No entanto, omitiu algumas ações importantes na América do Norte, incluindo várias greves gerais, a enorme revolta Black Lives Matter e as manifestações em massa de julho e greves em Porto Rico 37/. Soma-se a essa *agitação social*, em 2020, novas mobilizações e manifestações de massa, que em parte continuam, na Bielo-Rússia, Tailândia e o distante oeste da Rússia; greves massivas na Indonésia; bem como a revolta Black Lives Matter nos Estados Unidos e em grande parte do mundo 38 /.

Muitas dessas mobilizações foram iniciadas por estudantes ou ativistas de várias origens de classe, então a questão do papel desempenhado pela classe trabalhadora e suas organizações em toda essa *agitação social* deve ser abordada. David McNally analisou “o retorno da greve de massas” com bastante detalhe. Sobre as greves de massas que ocorreram desde a recessão de 2008, ele escreve em 2020:

“Ao longo da década desde a Grande Recessão, testemunhamos uma série de grandes greves gerais (Guadalupe e Martinica, Índia, Brasil, África do Sul, Colômbia, Chile, Argélia, Sudão, Coreia do Sul, França e muitos mais), bem como ondas de greves que contribuíram para derrubar chefes de estado (Tunísia, Egito, Porto Rico, Sudão, Líbano, Argélia, Iraque) 39 /.”

Além disso, houve greves massivas de magnitude variada em todo o mundo, muitas vezes relacionados a questões de reprodução social, incluindo as greves de professores de 2018-2019 nos Estados Unidos. Como enfatiza McNally, a greve de massas também foi uma arma empunhada pelo movimento feminista, especialmente nas greves internacionais de mulheres que abrangeram 50 países em 2017 e 2018 em nome do *feminismo dos 99%*. Algumas das greves de massas, ele destaca, ocorreram em meio a mobilizações mais amplas nas ruas e praças de todo o mundo, como em Hong Kong, Chile, Tailândia, Ucrânia, Líbano e Iraque 40 /.

O fato de a ação da classe trabalhadora ter estado no centro da revolta se reflete em alguns números gerais. O Instituto Sindical Europeu estima que entre 2010 e 2018 ocorreram 64 greves gerais na União Europeia, quase metade delas na Grécia 41 /. De forma mais geral, a OIT estima, para apenas 56 países, que houve 44.000 paralisações de trabalho entre 2010 e 2019, principalmente nas fábricas. A autora do relatório da OIT, entretanto, ressalta que, os dados são limitados, o número de greves "poderia ser muito superior a 44.000" 42 /. Somente na China, o *China Labour Bulletin* registrou cerca de 6.694 greves entre 2015 e 2017 em uma ampla variedade de setores. Lu Chunsen estima que houve 3.220 greves de trabalhadores industriais na China entre 2011 e maio de 2019, apesar da natureza precária do trabalho, da migração interna massiva para as cidades e da proibição governamental de greves 43 /. Vemos aqui um exemplo claro da fusão da força de trabalho migrante informal com a força de trabalho formal e suas ações subsequentes.

Sabemos que os sindicatos desempenharam um papel importante em muitas das lutas recentes, mesmo quando foram os líderes da classe média que estiveram na vanguarda das massas. Na Bielo-Rússia, por exemplo, uma entrevista da BBC com um líder sindical revelou que ele havia sido um dos principais líderes da rebelião. Além disso, os participantes relatam que as manifestações "estavam se tornando um movimento mais amplo da classe trabalhadora, com o envolvimento das mobilizações no local de trabalho "44 /. Em uma análise detalhada da Primavera Árabe, Anand Gopal observa que enquanto a classe trabalhadora sindicalizada desempenhou um papel fundamental na maioria das revoltas árabes, nas fases iniciais do levante sírio, as massas trabalhadoras fragmentadas se levantaram primeiro nas favelas e que "a base do movimento era formada por trabalhadores precários, semi-empregados, que simplesmente careciam de poder estrutural suficiente para ameaçar a elite síria" 45 /.

Em outras palavras, grande parte da base de massa de 2011 veio da classe trabalhadora organizada e dos setores informais da classe trabalhadora na maioria dos países árabes, e muitas dessas pessoas, como vimos antes, estarão envolvidas no CVG. Do capital multinacional , trabalhando em campos de petróleo, na manutenção de oleodutos, no Canal de Suez ou em muitos portos do Oriente Médio e Norte da África. Gopal afirma que sua própria precariedade e emprego informal implicam que seu poder era baixo. Agora, em muitos países em desenvolvimento, esses setores da classe trabalhadora se organizaram em seus bairros e em sindicatos nacionais, associações e cooperativas de trabalhadores informais ou migrantes, bem como em locais de trabalho, para tomar as ruas e praças como tem feito a classe trabalhadora por gerações 46 /.

A aparência interclassista de muitas das pessoas que protagonizaram as greves e manifestações também se deve à *proletarização* de setores educados, como professores e enfermeiras, cujos empregos foram padronizados e submetidos a uma gestão empresarial mais rigorosa, de acordo com os processos descritos anteriormente, bem como a incorporação de muitos e muitas *millennials* em empregos da classe trabalhadora. Nestes casos, as divisões de classe aparecem confusas, mas o destino social da maior parte desta geração e da próxima é, sem dúvida, a classe trabalhadora. Muitas dessas pessoas participam de greves de trabalhadores de *plataforma* ou entregadores ou outras trabalhadoras que acabam de se descobrir como *essenciais* para a reprodução social no contexto da pandemia, o que provavelmente acelerará essa transformação social.

O que parece claro é que, quer tenham sido os estudantes que acenderam o pavio ou não, ou se profissionais e políticos da classe média assumiram a liderança, a base de massa da maioria das revoltas da última década era de composição da classe trabalhadora, e que em uma extensão considerável eles usaram a arma tradicional da greve de massas. Isso acontecia quer fossem sindicalizados, quer tivessem ou não um emprego permanente, da mesma forma que Rosa Luxemburgo analisou na revolução russa de 1905, cujas greves "mostram tal multiplicidade de formas de ação mais variadas" 47 /. Todo esse período foi um exemplo de atividade própria da classe trabalhadora com demandas econômicas e políticas.

No entanto, em nenhum dos casos as greves ou mobilizações de massa aspiraram a tomar o poder para a própria classe trabalhadora ou a implementar um programa para o estabelecimento do socialismo. Em nenhum país a classe trabalhadora ou as classes mistas em transição foram organizadas para atingir esses objetivos. Em alguns casos, parecia não haver líderes reconhecíveis. Os participantes articulavam-se numa " multiplicidade das mais variadas formas de ação [e organização]", muitas vezes através do uso de redes sociais.

A dificuldade em analisar o potencial desta época de revolta é agravada pelo incerto impacto da tripla crise do capitalismo, e em particular pelo efeito da pandemia, em diversos setores econômicos e nas CGVs. Essa especulação é para outro artigo. A compreensão mais útil do potencial da revolta atual é a descrita por McNally, que afirma que "os novos movimentos grevistas são precursores de um período de recomposição de culturas de resistência operária combativa, verdadeiro terreno em que as políticas socialistas podem florescer" 48 /.

É impossível prever se esse rearranjo ajudará a organizar uma revolta geral da classe trabalhadora, mas, como escreve Mark Meinster, representante do sindicato United Electrical Workers, escreve em *Labor Notes*, "As revoltas trabalhistas costumam ocorrer no contexto de profundas mudanças sociais no conjunto da sociedade, como um deslocamento econômico abrupto e generalizado, uma profunda perda de legitimidade das elites governantes ou uma instabilidade política incomum "49 /. Isso descreve bem a situação que o movimento operário enfrenta hoje em todo o mundo.

- ***Kim Moody*** é um dos fundadores do *Labor Notes*, revista marxista sediada em Detroit, Estados Unidos , e autor de vários livros sobre o movimento operário e a política. Atualmente é professor visitante da University of Westminster em Londres.

- Publicado em inglês originalmente no nº 70 da revista *New Politics*, inverno 2021: https://newpol.org/issue_post/workers-of-the-world-%E2%80%A8growth-change-and-rebellion/
- A tradução ao português foi feita a partir da versão espanhola na revista *Viento Sur*: https://vientosur.info/clase-obrera-mundial-crecimiento-cambio-y-rebelion/

Notas

1/ Karl Marx, *El Capital*, vol. III.

2/ Organización Internacional del Trabajo, *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Tendencias* 2020 (OIT, 2020), 19; Organización Internacional del Trabajo, *Estimaciones y proyecciones basadas en modelos de la OIT: empleo por sector: anual*, noviembre de 2019, MBI_33_EN(2).xlsx; *Informe Mundial Sobre Salarios 2008/2009* (OIT, 2008), 10.

3/ Ursula Huws, "Social Reproduction in Twenty-First Century Capitalism", en Leo Panitch y Greg Albo, eds., *Socialist Register 2020* (Londres: The Merlin Press, 2019), 169.

4/ Banco Mundial, *Informe anual 2020*, 88; Snehashish Bhattacharya y Surbhi Kesar, "Precarity and Development: Production and Labor Process in the Informal Economy in India", *Review of Radical Political Economics* (vol. 52, nº 3, 2020), 387-408; Kate Maegher, "Working in chains: African informal workers and global value chains", *Agrarian South: Journal of Political Economy* (vol. 8, nº 1-2, 2019), 64-92; OIT, *Interacciones de las organizaciones de trabajadores con la economía informal: Compendio de Prácticas* (ILO, 2-19), 13-14.

5/ Bhattacharya y Kesar, "Precarity", 387-408.

6/6/ Banco Mundial, *Informe anual 2020*, 19.

7/ OIT, *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo*, 19; *Estimaciones y proyecciones basadas en modelos*, noviembre de 2019; Bhattacharya and Kesar, "Precarity", 387-408; Maegher, "Working in chains", 64-92.

8/ Ursula Huws, "Labor in the Digital Economy: The Cybertariat Comes of Age", *Monthly Review*, 2014, 149-181; OIT, *Estimaciones y proyecciones basadas en modelos*.

9/ World Inequality Lab, *World Inequality Report 2018, Executive Summary* (World Inequality Lab, 2017), 11; OIT, *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo: Tendencias 2019* (OIT, 2019), 14.

10/ Banco Mundial, *Empleos en la industria (% del total de empleos) (estimaciones basadas en modelos de la OIT)*; Banco Mundial, *Empleos en servicios (% del total de empleos)* (*estimaciones basadas en modelos de la OIT).*

11/ Banco Mundial, *Industria, valor agregado* (US$ a precios constantes); Banco Mundial, *Informe sobre el desarrollo mundial*, 27; UNIDO, *Industrial Development Report 2020* (United Nations Industrial Development Organization, 2019), 150; OIT, *Estimaciones basadas en modelos de la OIT*.

12/ UNIDO, *Report 2020*, 144-149; BDI, *Global Power Shift*, 11/11/2019.

13/ Organización Internacional para las Migraciones, *Informe sobre las Migraciones en el Mundo 2020* (OIM, 2019), 3, 21.

14/ Susan Ferguson y David McNally, "Precarious Migrants: Gender, Race and the Social Reproduction of a Global Working Class", en Leo Panitch y Greg Albo, eds., *Socialist Register 2015* (Merlin Press, 2014), 1. 3.

15/ Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo, *Informe sobre el Comercio y el Desarrollo 2020* (UNCTAD, 2020), 6; World Inequality Lab, *Report 2018*, 5-8.

16/ Wolfgang Streeck, "Progressive Regression: Metamorphoses of European Social Policy", *New Left Review* (118, julio/agosto de 2019), 117.

17/ Anwar Shaikh, *Capitalism: Competition, Conflict, Crises* (Oxford, 2016), 755, resaltado en el original.

18/ Huws, *Digital Economy*, 94-96.

19/ Institute for Health and Socio-Economic Policy, *Health Information Basics* (Institute for Health and Socio-Economic Policy, 2009), 4-7; Lois Weiner, "Walkouts Teach U.S. Labor a New Grammar for Struggle", *New Politics* (n.º 65, verano de 2018), 3-13; Will Johnson, "Lean Production", en Shawn Gude y Bhaskar Sunkara, eds., *Class Action: An Activist Teacher's Handbook* (Jacobin Foundation, 2014), 11-31; Huws, *Digital Economy*, 34-41.

20/ Jason Struna y Ellen Reese, "Automation and the Surveillance-Driven Warehouse in Inland Southern California", en Jake Alimahomed-Wilson y Ellen Reese, eds., *The Cost of Free Shipping: Amazon in the Global Economy* (Pluto Press, 2020), 90-92; James Bridle, *New Dark Age: Technology and the End of the Future* (Verso, 2018), 114-116.

21/ Véase por ejemplo David R. Roediger y Elizabeth D. Esch, *The Production of Difference: Race and the Management of Labor in U.S. History* (Oxford, 2012).

22/ Bridle, *Dark Age*, 144-145.

23/ Cathy O'Neil, *Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy* (Penguin, 2016), 87.

24/ Bridle, *Dark Age*, 139-144.

25/ Institute for Health, 4-7.

26/ Karl Marx, *Grundrisse: Introducción a la crítica de la economía política*; Karl Marx, *El Capital*, vol. II.

27/ Marx, *Grundrisse*.

28/ Datacenters.com, "Amazon AWS, maps and photos" (visitada el 20/04/2020).

29/ Alan Satariano, “How the Internet Travels Across Oceans”, *New York Times*, 10/03/2019. Nicole Starosielski, *The Undersea Network* (Duke University Press, 2015).

30/ Bridle, *Dark Age*, 61; Starosielski, *The Undersea Network*.

31/ PwC, *Global Infrastructure Investment: The role of private capital in the delivery of essential assets and services* (Price Waterhouse Coopers, 2017), 5.

32/ Véanse ejemplos de dragado y construcción de puertos y canales, sobre todo en Oriente Medio, en Laleh Khalili, *Sinews of War and Trade: Shipping and Capitalism in the Arabian Peninsula* (Verso, 2020).

33/ Akhil Gupta, “The Future in Ruins: Thoughts on the Temporality of Infrastructure”, en Nikhil Anand et al., eds., *The Promise of Infrastructure* (Duke University Press, 2018), 72.

34/ Peter Frankopan, *The New Silk Roads: The Present and Future of the World* (Bloomsbury, 2018), 89-114.

35/ Daniel Yergin, *The New Map: Energy, Climate, and the Clash of Nations* (Allen Lane, 2020), 181.

36/ Miha Hribernik y Sam Haynes, “47 countries witness surge in civil unrest – trend to continue in 2020”, Maplecroft, 16/01/2020; Saceed Kamali Dehghan, “One in four countries beset by civil strife as global unrest soars”, *The Guardian*, 16/01/2020.

37/ Rafael Bernabe, “The Puerto Rican Summer”, *New Politics* (n.º 68, invierno de 2020), 3-10.

38/ Dera Menra Sijabat y Richard C. Paddock, “Protests Spread Across Indonesia Over Job Law”, *New York Times*, 08/10/2020.

39/39/ David McNally, “The Return of the Mass Strike: Teachers, Students, Feminists, and the New Wave of Popular Upheavals”, *Spectre* (vol. 1, n.º 1, primavera de 2020), 20.

40/40/ McNally, “Mass Strike”, 15-27.

41/41/ European Trade Union Institute, *Strikes in Europe*, 07/04/2020.

42/ Rosina Gammarano, “At least 44,000 work stoppages since 2010”, OIT, 04/11/2019.

43/ Yu Chunsen, “All Workers Are Precarious: The ‘Dangerous Class’ in China’s Labour Regime”, en Panitch y Albo, eds., *Socialist Register 2020*, 156.

44/ Ksenia Kunitskaya y Vitaly Shkurin, “In Belarus, the Left Is Fighting to Put Social Demands at the Heart of the Protests”, *Jacobin*, 17/08/2020 [publicado en castellano en ***viento* sur**: https://vientosur.info/la-izquierda-lucha-por-introducir-demandas-sociales-en-la-revuelta/]

45/ Anand Gopal, “The Arab Thermidor”, *Catalyst* (vol. 4, n.º 2, verano de 2020), 125-126.

46/ Véanse numerosos ejemplos de esto en OIT, *Interacciones de las organizaciones de trabajadores con la economía informal: compendio de prácticas* (OIT, 2019); Ronaldo Munk et al., *Organising Precarious Workers in the Global South* (Open Society Foundations, 2020).

47/ Rosa Luxemburg, “The Mass Strike, the Political Party and the Trade Unions”, en Mary-Alice Waters, ed., *Rosa Luxemburg Speaks* (Pathfinder Press, 1970), 163, 153-218 [publicado en castellano por la Fundación Federico Engels en: https://proletarios.org/books/Luxemburgo-Huelga_de_masas_partido_y_sindicato.pdf].

48/ McNally, “Mass Strike”, 16.

49/ Mark Meinster, “Let’s Not Miss Any More Chances”, *Labor Notes* (n.º 500, noviembre de 2020), 3.



Compartilhe nas redes: